

7

CAPÍTULO

Práticas educativas e conhecimento: a congada como espaço educativo

Prácticas educativas y conocimiento: la congada como espacio educativo

Educational practices and knowledge: the example of the congada

Adriane Álvaro Damascena

RESUMEN

Este trabajo tiene su origen en el estudio *Ser negro en Goiás*: el carácter formativo de las congadas como manifestación cultural negra en la ciudad de Goiania, cuyo principal objetivo es comprender cómo en Goiania (Goiás, Brasil), una ciudad relativamente nueva, fundada en 1933, perviven los elementos constitutivos de la cultura negra. Tomando como referencia la congada, se analiza en qué medida la dinámica de la congada es una actividad educativa para los negros que participan en ella. Nuestra tesis es que la educación es una práctica social. Entendemos que los profesionales de congada son portadores

de conocimiento. Por lo tanto, creemos que la congada, con sus prácticas, permite a sus participantes un espacio de resistencia, de preservación y de recreación de sus valores culturales.

PALABRAS CLAVE

Prácticas educativas; cultura negra; congada; fiesta popular.

SUMMARY

This work has its origins in the research *Ser negro em Goiás: o caráter formativo das congadas como manifestação cultural negra na cidade de Goiânia*, whose main goal was to understand how we can see the constituent elements of black culture in Goiania (a Brazilian city founded in 1938). The Congada was taken as a reference, in order to see the extent to which the dynamics of the congada is an educational activity for the black people who take part. We hold that education is a social practice and believe that congada professionals are transmitters of knowledge. We therefore maintain that the practice of the congada provides a space for resistance, conservation and recreation of cultural values for the participants.

KEY WORDS

Educational practices; black culture; congada; folk party.

A relação de interface presente na compreensão de educação e de cultura tem sido abordada das mais diferentes maneiras, há bastante tempo. Mas, o cenário atual nos aponta a necessidade latente, de expandir cada vez mais os estudos acerca da complexa relação existente entre os dois termos nas práticas cotidianas, o que muito pode contribuir para o entendimento dos diversos processos sociais que, historicamente, vinham sendo 'esquecidos' pelos meios acadêmicos.

O crescente interesse por temas culturais atinge as esferas acadêmicas, políticas ou da vida cotidiana. Em todos os casos, cresce a centralidade na cultura, muito em função de perceber-se que ela atravessa tudo que é social, ou seja, perpassa toda a nossa vida e o entendimento que temos dela (Veiga-Neto, 2003).

A discussão no campo da cultura possibilita novas perspectivas de compreensão, tanto do ponto de vista das diferenças como do ponto de vista da identidade, podendo assim descortinar nos espaços de troca, importantes elementos de uma prática educativa. Práticas essas que acontecem mediatizadas pelo mundo, como já afirmava Paulo Freire, na sua expressão cultural que é também social, num contínuo transformar-se das pessoas envolvidas.

A compreensão da importância da educação como prática social e cultural, nos leva a ver que não há uma única maneira de educar, assim como não há um único modelo de educação (Brandão, 2000) pois a educação aparece como um elemento fundamental no sentido da vida de determinado grupo. Assim, vemos "educação como mediação, referência por meio da qual as relações na sociedade e na cultura são construídas de uma maneira e não de outra" (Lopes, 2000, p.16). A forma como se estabelecem as relações mediadas pela educação numa sociedade nos diz muito sobre ela.

A educação como prática social se expressa nas relações sociais presentes numa determinada sociedade, elaborando assim processos formativos cotidianos de ensino-aprendizagem que educam. Nesse sentido, as relações pedagógicas existem em toda sociedade,

no seu conjunto e em todo indivíduo com relação aos outros indivíduos (Gramsci, 1987). O interesse pela educação vinculada às práticas sociais e culturais aparece como reação à dominação por vias culturais, que são abraçadas como vias civilizatórias e de progresso, pautadas por uma visão linear e etnocêntrica de história, de cultura, na qual a educação funciona como passaporte para se atingir patamares mais elevados desse padrão cultural. A adesão à noção etnocêntrica de cultura, fundamentou histórias de escravidão e de genocídio em vários lugares do planeta. Práticas como essas foram fortalecidas por teorizações pseudocientíficas que se apoiavam numa concepção evolucionista de diferenças raciais. Em nome de uma visão iluminista de progresso, proclamaram a inferioridade e a incapacidade de muitos povos e desqualificaram suas culturas impondo um modelo de civilização pela força. O uso da força e a tentativa da negação das diferenças étnicas não às fizeram desaparecer, mas as transformaram em desigualdades sociais e em processos de marginalização (Fleury, 2003). Uma retomada de vozes que ficaram silenciadas por opressões históricas é fundamental e necessária para uma compreensão democrática de educação. O primeiro movimento para esta escuta é o reconhecimento da existência de espaços outros que não o da educação formal¹, como portadores de saberes. Para isso, é necessário tomar como imprescindível para o entendimento desses saberes os nexos entre educação e cultura, considerando que uma não existe sem a outra, ambas sendo alimentadas e alimentando-se na arte e na memória.

O respeito às diferenças é um ponto crucial na construção de uma sociedade mais humana, cuja concepção de humanidade seja fundada na diversidade: “o que nos faz mais semelhantes ou mais humanos são as diferenças” (Gomes, 2002, p.76).

A elaboração cotidiana do conhecimento

Olhar para a particularidade e para a diversidade na educação exige, por conseguinte se redimensionar a noção de conhecimento, de ensinar e de aprender. Para isso é preciso problematizar a questão da transmissão e da construção do conhecimento, levando em consideração que os homens produzem esses processos ao longo da história, nas dimensões sociais e culturais, elaborando-os e constituindo-os no cotidiano através da experiência.

O espectro do positivismo² que ainda nos ronda, disseminando positividade e naturalizando a realidade, impede a compreensão de que esta é cultural e histórica. A compreensão positivista do conhecimento deixou como legado a idéia de que o conhecimento cotidiano está na esfera do senso comum que, para adquirir qualidade, precisa ser apreendido pelo universo científico. Aderir a esse fundamento é perder a possibilidade de entender como os praticantes fazem uso de tal conhecimento no cotidiano, ou mesmo, que tais ações impliquem em conhecimento, e que tais relações sejam práticas educativas.

O conhecimento cotidiano é construído em intercâmbio ou comunicação social, e pauta seu amadurecimento nos grupos, pois, é aí que se estabelece a mediação entre indivíduos e costumes, as normas e a ética. O homem apreende nos grupos os elementos da cotidianidade (Heller, 1992).

1.- A educação formal neste país tem sido historicamente elitista e excludente, tanto ao que se refere à prática (acesso e permanência) quanto ao conteúdo.

2.- Há autores que fazem referência não só ao positivismo, mais à própria cultura moderna.

A vida cotidiana é a vida com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se 'em funcionamento' todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões e ideologias (Heller, 1992:17).

O pensamento cotidiano se fundamenta para a realização das atividades do cotidiano. Dessa maneira, pode-se dizer que há uma aproximação necessária entre pensamento e ação na cotidianidade.

Pensamentos são expressões de conhecimentos construídos na experiência vivida e refletida, formuladas por meios de palavras, de ações e seus produtos. Os pensamentos expressam conexão entre o vivido e a vida avaliada, examinada, retomada. São gestos de reflexão e de prática em que se constituem os sentidos das experiências (Silva, 2003:182).

Assim, considerar os conhecimentos advindos das classes populares, especialmente da população e da cultura negras, é se contrapor aos princípios positivistas de compreensão da realidade, uma vez que, esse entendimento contribui para a ideologização do conhecimento quando toma como universal algo que é particular. É possível constatar que, em muitas dessas situações ocorrem formas de apropriação e sistematização no ocidente, de valiosos conhecimentos produzidos na África pré-colonial. Embora demonstrados como ciência e apresentados como próprios da cultura ocidental, há neles algo que pertence à humanidade que foi produzido por culturas 'pré-científicas'.³

Muitas vezes, a ciência conhecimento hegemônico, legitima um conhecimento dando-lhe suporte sobretudo no que se refere a uma supremacia epistemológica. Isso em decorrência de contínuos processos históricos de dominação e colonização, envolvendo grupos humanos e suas culturas.

A declaração de validação dos conhecimentos advindos da população negra, vem sobretudo do fortalecimento dessa população junto a movimentos sociais que historicamente, lutam por tal reconhecimento impulsionando a aceitação da legitimidade de tais conhecimentos, chamando assim, atenção da academia.

Pensar as manifestações culturais negras e saberes ali produzidos, é fazer um exercício de reflexão acerca do que Brandão (2000) chama de processos sociais de aprendizagem. Assim, podemos entender que a aprendizagem pode se dar de muitas maneiras e em muitos níveis, na dinâmica social que produz esses processos de aprendizagem em que as pessoas convivem umas com as outras e o saber flui, pelos atos de quem sabe faz, para quem não-sabe-e-aprende. Mesmo quando os adultos encorajam e guiam os momentos e situações de aprender das crianças e adolescentes, são raros os tempos especialmente reservados apenas ao ato de ensinar (Brandão, 2000: 88).

No cotidiano dos praticantes da congada, pode-se perceber essa forma de transmissão de conhecimento, onde os saberes fluem, quando se pede para descrever como são os processos e as formas de aprendizagem com as quais eles se deparam na comunidade.

Essa educação se processa através da herança e como prática cotidiana. Assim, a memória familiar é fundamental dentro da preservação de uma prática como a congada. É através da família que se resgata e se fortalece uma memória carregada de traços de pertencimento, tanto individual como coletivo, e da própria condição humana.

3.- Nem precisa ir longe, é só lembrar da existência da bio-pirataria que ocorre na floresta amazônica, acerca da apropriação indevida dos saberes dos povos do lugar (indígenas e remanescentes de quilombos) por cientistas estrangeiros.

Os homens produzem conhecimento em sua historicidade, fundamentado no processo de socialização que ocorre em diversos âmbitos como na família, no trabalho, na igreja. Nessas relações são elaboradas concepções de homem, de mundo e de educação.

Os processos de socialização primário e secundário, constituintes da própria sociedade, elaboram processos sociais que educam. Acreditando nessa premissa, afirmamos que no cotidiano articulam-se práticas pedagógicas. Assim, no processo de socialização primária o homem elabora os primeiros nexos que se encarregam de apontar afinidades e rejeições, que determinam eixos posteriores de socialização.

A congada confirma a idéia de socialização, exposta em Berger e Luckmann (1999), onde a criança já ao nascer está cercada de significados que fundamentam sua socialização. Dessa maneira, desde a barriga da mãe e depois nos braços dela, há uma convivência com a experiência da festa, mediada pela família e impregnada de emoção. É o que podemos ver nessa fala:

Para os indivíduos, essa relação de ensino-aprendizagem se dá na experiência da convivência com os outros, que vai compondo os elementos que o constituem. O caráter formativo dessas práticas cotidianas se acumula através de acontecimentos aparentemente banais, mas que são necessários por que os constituem. Nesse fazer cotidiano, que é social e cultural, que fundamenta-se a reconstrução da lembrança.

O próprio processo de socialização carrega em si o processo de ensino e de aprendizagem. O ritual da congada é o ápice dessa relação na qual o presente nos remete a uma memória, que é vivenciada na prática. Esta prática de uma atividade como a congada abre possibilidades para muitas outras práticas educativas, como a participação em movimentos sociais focalizados, como por exemplo, os que abordam a questão racial, havendo assim uma ampliação da compreensão da condição do negro, na medida em que se reconhecem como sujeitos de direitos e portadores de conhecimento⁴.

A gente apegou muito a dança. Não sei se é por causa de ser negro mesmo, hoje dança. Porque que dança? A maioria dos dançadores não tem assim uma sabedoria concreta. Isso está faltando. *Eu aprendi no dia a dia, porque eu participo de outros grupos de consciência negra, a gente descobriu que ela é uma dança de libertação.* E quando a gente vê a história, e isto está muito ligado ao passado. (D. Maria José Alves Dias, 67 anos, terno Verde e Preto da Vila João Vaz).

A prática educativa se afirma na congada na medida em que ali é possível perceber um sujeito social que vive a experiência da coletividade dos “congadeiros”. É educativo por que através dessa vivência se estabelece uma espécie de formação, seja ela social, seja ela religiosa ou política, que é certamente pedagógica.

Sendo assim, uma manifestação cultural que tem um apelo coletivo, que socializa o café da manhã e o almoço, numa experiência de comunhão, aberto a toda comunidade, inspirada no espírito da solidariedade proposta historicamente pelas irmandades negras, projeta valores que no limite, negam princípios individualistas da sociedade atual.

É possível nas falas perceber que além do contato com movimentos sociais de caráter

4.- No texto Movimento negro e educação de Luiz Alberto Gonçalves e Petronilha Silva (2000, p. 137), tem um minucioso estudo acerca da relação historicamente traçada entre os movimentos sociais de recorte racial e a questão da educação. No momento chamamos atenção para a proposição de que “as organizações... em muitos casos elas se configuram como instâncias educativas, na medida em que os sujeitos que participam delas as transformam em espaços de educação política”.

'reivindicatório', como o mencionado acima, há uma rede de comunicação entre os praticantes de diversas práticas culturais de cunho popular. Uma rede de intercâmbio é encontrada através de casamentos entre brincantes das diversas manifestações culturais. O respeito que se tem pela experiência e conhecimento do outro é algo que possivelmente leva em consideração a persistência de cada um em manter aceso o desejo de levar em frente práticas que dizem respeito a um passado que não passou, e que permanece bastante significativo. Através dessa experiência, perpassa um conhecimento pautado culturalmente, que é revivido coletivamente por meio de um processo de aprendizagem mediado pela comunidade (King e College, 2002).

No cotidiano, os processos educativos se assentam na transmissão do conhecimento de forma direta, que ocorrem nos mais diferentes espaços, possibilitando o aprendizado de inúmeras atividades. São saberes ligados à culinária, sobre o domínio da natureza através do conhecimento e do uso de ervas, sobre orações pronunciadas por benzedores e benzedoras, e, ainda sobre os segredos dos rezadores. Alguns membros da comunidade são possuidores de formas específicas de sistematização desses saberes que se baseiam na tradição oral.

A tradição oral é uma manifestação da tradição cultural, e, como ela, encerra conjunto de significados, que se apresentam com continuidade e constância entre membros de um mesmo grupo étnico-racial. Encontram-se tais significados inscritos em intenções, projetos, posicionamentos, avaliações, articulados no agir e no intervir no ambiente. Trata-se de um patrimônio ancestral que sobrevive com renovados contornos, como que ocultado, mas sempre compartilhado (Silva, 2003, p.185).

Descentralizar a idéia de conhecimento do eixo da civilização ocidental e expandi-la a outras civilizações aparece como um desafio, sobretudo na esfera intelectual, pensar em termos de elaborações teóricas, a produção de conhecimentos e saberes outros. Para que se possa apreender esses elementos é necessário fazer um movimento de reflexão acerca da multiplicidade e da diversidade na qual está inserido o ser humano.

Conhecimento e trabalho

"A aprendizagem e a conservação dos segredos dos ofícios joga-se em cada uma das células sociais da etnia" (Le Goff, 2003, p.425).

Para a compreensão da construção do conhecimento que diga respeito às comunidades negras no Brasil, se faz necessária uma reflexão histórica que desvende como se dá a vinculação dos saberes àquilo que decorre da atividade laboriosa, não só uma educação para o trabalho mas uma educação no trabalho, em práticas educativas engendradas na produção de vida das comunidade, pois o trabalho produtivo é uma importante fonte de conhecimento e portanto, de educação (Freire, 1982).

São sofisticados processos de aprendizagem que se fundamentam em uma longa experiência prática, podendo encontrar-se nesses espaços, exímios fabricantes de móveis, de sapatos, costureiras, bordadeiras, enfim, artífices em atividades que requerem um elaborado exercício mental e prático e uma sofisticada noção estética. Faz-se necessário então, que se reconheça a contribuição posta por uma grande camada da população, que expressou seu potencial artístico e técnico através do único lugar possível, que foi o trabalho manual. Trabalho e conhecimento, expressam-se na história desses grupos, mutuamente constituídos

em práticas de preservar valores étnicos, nos lugares possíveis, conforme nos conta Sodré (2002, p. 89) acerca das atividades desenvolvidas por gente de terreiro:

«nasciam desse contexto relações de solidariedade e de iniciação a ofícios (já que não havia oportunidades de educação sistemáticas), tais como barbearia, marcenaria, alfaiataria, tecelagem, pintura de paredes, bordados, doceria etc.».

Há nessa prática cultural uma idéia de potencializar uma possível mobilidade social do negro através da qualificação da mão-de-obra para o trabalho. É coerente acreditar que esse tipo de preocupação e ação também atingisse as irmandades religiosas⁵ que tinham um forte apelo mutualista.

Silva A. (2003) nos chama atenção para o fato de que os mestres de ofícios de alta qualidade raramente eram enviados como escravos, pelo seu necessário serviço na comunidade de origem. Isso explica também o fato da escassez de imagens esculpidas para os cultos aqui no Brasil. O autor continua na sua explicação.

Ainda que um bom escultor fosse vendido ao Brasil, quem o comprava sequer tomava conhecimento de que era um artista – não se tinham, aliás, por obra de arte aqueles manjões que se faziam na África – o endereçava aos engenho de cana ou fazenda de café. Se fosse posto como escravo de ganho, cedo ele próprio descobriria que era mais bem remunerado na estiva ou e no carregado de liteiras do que a esculpir imagens para as quais embora houvesse procura, a paga era pouca. (Silva, A., 2003, p. 218).

A relação entre o negro e o trabalho entendida ao longo de sua trajetória, aponta uma série de sinais que podem servir de nexos para o entendimento do próprio negro enquanto portador de saberes, que talvez não fossem considerados como relevantes pelo modelo de sociedade no qual ele se viu inserido, mas que mesmo assim estavam presentes nas atividades por eles desempenhadas.

Por outro lado, não podemos perder de vista que essa “afinidade” com o trabalho, no Brasil, certamente foi compulsória, uma vez que a história do negro, aqui, tem como marco fundante o sistema escravista. A condição de escravo imprimia-lhes um sentimento de coletividade imposto, sobretudo no trabalho.

A civilização do nordeste do Brasil é uma civilização de ritmo pela cadência do trabalho: de fato, quando o trabalho é coletivo, necessita de cooperação de esforços e essa cooperação somente é possível através da imposição de um mesmo ritmo a todos os indivíduos. Assim, entre os negros comunitários, grande parte do trabalho é feita por toda coletividade e o trabalho se transforma em dança (Bastide, In:Lühninig, 2002, p. 223). A categoria trabalho se mostra presente no estudo da congada, na medida que o trabalho é uma das principais fontes de referências dentro das comunidades. Brandão(1977, p. 26) pioneiramente, já percebera a importância do trabalho como uma forte representação junto com outras duas.

As representações dos negros são desdobradas em três momentos seqüentes e estreitamente interdependente: o discurso com que o negro se apresenta como um trabalhador rural, o peão; aquele em que ele fala em si como um tipo de sujeito étnico, o preto; e por último, aquele em que ele se apresenta como praticante de um ritual em que se mostra aos brancos como um congo.

5.- O modelo de irmandade que chegou ao Brasil, segundo Antônia Quintão no seu livro: Irmandades negras: Outro espaço de luta e resistência, já tinha sido, possivelmente utilizado pelas irmandades brancas católicas, no entanto, a festa da congada, com seu rito, se aproximam sobremaneira das práticas de origem africana. Ainda assim, o tema da origem é controverso.

Os três eixos estudados por Brandão (1977) são bastante significativos, o que mais nos chama atenção, nesse momento, é uma informação apresentada no seu estudo sobre a congada na *antiga capital* do estado de Goiás, a cidade de Goiás, que revela um importante dado acerca das funções ocupadas pelos negros no fim do escravismo: Havia um total numérico de 1.222 escravos na cidade: desses, 541 eram ocupados como artistas: carpinteiros, pedreiros, alfaiates, sapateiros, pintores, tecelões e equivalentes. A maior parte dos "artistas" está na zona urbana. Ao ler esses dados, foi interessante perceber a proximidade das atividades mencionadas acima com algumas encontradas nas respostas à entrevista, dos negros praticantes da congada na atual capital do estado, apesar das inúmeras atividades criadas pela era moderna. Temos as seguintes ocupações relatadas nas entrevistas: Vigilante, por toda vida, hoje aposentado. Auxiliar num frigorífico, hoje aposentado, maquinista também aposentado. Outras profissões citadas: Operário de fábrica de lage e motorista.

Alguns são mais específicos na sua movimentada trajetória de ocupações: "Toda minha vida eu fui lavrador; é capinar, bater pasto, garimpar, lavrar etc. eu nunca trabalhei com carteira assinada na minha vida". Temos também depoimentos de mulheres: "fui babá, doméstica, costureira, e fazedeira de doce, tudo isso feito para criar os meus filhos." Uma outra entrevistada também apresenta uma trajetória semelhante, não fazendo referencia só ao passado mas também ao presente: "Eu sou doméstica, bordo, costuro, faço crochê, tapete, coberta e fui lavadeira".

Há muitas formas de se perceber um passado que não passou, e o trabalho é um dos nexos fundamentais para entender uma sociedade que renovadamente se revela excludente, e produtora de profundas desigualdades.

Contraditoriamente, porém, através da socialização compulsória produziram-se formas de organização que permitiram um melhor desempenho da atividade num sentido de minimizar o sofrimento. Dessa integração surgiram diversas maneiras de realização do trabalho, e um contínuo apelo a que não perca dos sentimentos de humanidade e de identidade.

Conhecimento cotidiano e educação formal

A cultura e a educação, e por que não dizer o trabalho num sentido mais amplo, desnaturalizam o homem e contribuem para que ele possa ser interpretado através daquilo que ele produz. A sua produção diz respeito a determinado momento e a determinadas condições históricas. Não só a sua produção, mas também a utilização do que é feito por outros ou até mesmo fabricado, pode ter, em determinados momentos, uma outra utilização que não a que foi pensada inicialmente.

Educação como prática social, entendida na interface com a cultura, certamente é o que norteia todo esse trabalho. Assim, é importante pensar que os praticantes da congada são portadores de conhecimento, são capazes de pensar, fazer e de criar. Mas, é importante destacar que eles podem e devem conhecer melhor o que já conhecem, e mais, conhecer o que ainda não conhecem, ou seja, potencializar a construção do conhecimento através de uma educação na qual ele se reconheça e possa estabelecer relações igualdade e de reciprocidade.

O negro tem que conscientizar que ele tem que ter ensino tem que estudar, ele tem que ter um diploma na mão. Não para falar que eu consegui, mas para ele se sentir realizado.

Ele não pode desistir. É como eu disse e repito “nós vivemos de aprender”, nós não temos uma definição que nos permita dizer que aprendemos tudo. Não temos como falar “aprendi tudo, hoje eu posso ficar sentada”. A gente tem que buscar sempre melhorar. O que eu falo para os componentes da irmandade é “não pare de estudar, vocês tem que ir para frente, tem que progredir, não é só ficar aqui na congada. Nós temos que desenvolver mais, se você tem ensino é uma força a mais dentro da irmandade. É uma força a mais dentro de Goiânia. Eu sempre digo para eles “não pararem” (Valéria Eurípedes do Santos/ coordenadora do terno 13 de Maio).

O reconhecimento e a valorização dos conhecimentos advindos da população negra são fundamentais, mas não se pode perder de vista a importância do entendimento dos códigos que explicam os mecanismos de exclusão e a melhor forma de combater esses mecanismos. O depoimento acima lembra a afirmativa de que em muitas organizações negras de caráter reivindicatório, encontra-se dentre as bandeiras ali presentes, a do direito à educação.

O direito a educação é um desafio que se faz presente até hoje, pois grande parte da população negra ainda continua excluída da educação formal, quer seja no acesso, quer se na permanência. A educação formal, como vimos é algo que está presente nas falas e nas preocupações dos grupos de congada, possivelmente por saberem que há muito talentos que estão fora da escola, por experienciarem condições desfavoráveis de estudo.

O domínio da escrita, através da educação formal, é uma preocupação constante quanto ao registro da memória. Tal inserção traz certamente, uma nova aptidão intelectual, uma nova organização do saber, mas também um aspecto da organização de um novo poder. Junto à escrita há também um forte desejo de criar um espaço específico para atuação da congada, numa forma de empreender uma instituição da memória. Isso se daria, por exemplo, pela construção de uma sede para o terno, contribuiria, através de um local onde se possa acessar dados sobre a congada na cidade para uma maior informação sobre essa festa.

Hoje, fazer parte de um grupo desperta sentimento de pertencimento, e a memória, de certa maneira, se faz seletiva e diz respeito àquele determinado grupo, onde é guardada uma memória comum. Constrói-se aí um importante elemento de identidade, que se confirma através de práticas atuais que mantêm traços fundamentais para que os fazem permanecer enquanto grupo. Um importante mediador na consolidação dos grupos são os mais velhos. No que se refere aos negros, e especificamente à cultura negra, pode-se compreender que as formas de memória cultural negra incluíam as crenças e os valores tradicionais da experiência negros compartilhados enfatizados pelos idosos, tais como a importância de:

- ter fé em Deus, isto é lembrar a quem pertencemos; -respeitar o conhecimento de pessoas que não tiveram educação formal mas que tem conhecimentos práticos, experiência e sabedoria;
- reconhecer o papel desempenhado pelos idosos na transmissão de conhecimento cultural entre as gerações e na socialização da juventude;
- reconhecer o poder autolegitimador de aprender a “ouvir corretamente” o discurso que diz a verdade e dá testemunho” (King e College, 90:2002).

Reconhecer a contribuição dos mais velhos é fundamental para o entendimento da congada, pois é através das suas lembranças que se evoca o passado podendo, assim, perceber uma história social e cultural mais significativa.

Assim, não podemos perder de vista que a congada, com as suas práticas, permite aos seus componentes um espaço de resistência, de preservação e de recriação contínua de seus valores. É comum perceber uma rede de informações e conhecimentos entre os praticantes das diversas manifestações de caráter popular, estabelecendo trocas e diálogos, que administram as diferenças, ao mesmo tempo que estabelecem num movimento de fortalecimento mútuo.

Pertencer a um grupo de congada é motivo de grande alegria e responsabilidade para seus praticantes, pois ali é possível não só aprender e ensinar constantemente, muitos dos conhecimentos necessários para as atividades ali desenvolvidas, como também pensar sua condição de negro e sua condição de congo. O espaço da congada pode, certamente, ser entendido como espaço de aprendizagem, pois os praticantes podem ali estabelecer um princípio educativo e formativo que os ajudem a pensar sua condição e seu lugar na realidade em que vivem.

A congada no tempo e no espaço

Segundo do dicionário do Folclore Brasileiro de Câmara Cascudo (2000), no verbete congada, congados e congos, estes eram autos populares brasileiros marcadamente africanos. Ainda o mesmo autor chama atenção que "nunca esses autos existiram nos territórios Africanos". É uma cerimônia ou uma festa expressiva da população negra no Brasil, que hoje festeja e louva principalmente Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia, santos da Igreja Católica. Para Brandão (1983) as respostas sobre a origem da festa oscilam entre a África e o cativo. Ao fim e ao cabo, a celebração funciona como um espaço de reterritorialização do patrimônio cultural dos negros.

A tradição da coroação esteve presente no Brasil desde o período colonial. Há documentos que apontam a presença desses rituais já no início da colonização, sendo que os registros mais antigos são de 1674, em Recife. São descritas expressões da festa de Nossa Senhora do Rosário, como um evento que revestia os negros de poder temporário. Tal festa, de acordo com os novos interesses da Igreja, deveria ser abolida no fim do século XIX, início do período chamado de romanização da Igreja Católica. Assim, o ato da coroação passa a transformar-se em autos de danças dramáticas, como espaço de louvor nem sempre vinculados à Igreja, como é o caso da congada.

Falar da congada exige uma menção, mesmo que sintética, acerca da expressiva trajetória histórica percorrida pelos negros em referência à questão religiosa, após a sua chegada no Brasil. Nesta referência não pode se perder de vista os enfrentamentos postos pela condição de escravo, que foram por vezes, negociados e minimizados pela preciosa contribuição das irmandades religiosas organizadas no interior da população negra urbana. Também é necessário dizer que alguns dos nexos que se estabeleceram entre a bagagem cultural trazida pelos negros e a prática religiosa presente nas irmandades permanecem inscritas até os dias de hoje no ritual da congada. Isso nos leva a considerar que, as tradições culturais e a religiosidade constituíam o modo de ser dos negros, sendo trazidas inscritas nos seus próprios corpos e nas suas mentes.

Esse estudo é referente a congada nos dias atuais na cidade de Goiânia, e especificamente a dois ternos de congo: Irmandade Treze de Maio e Terno Verde e Preto, da irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Ambos realizam as duas maiores festas da cidade e comungam os maiores arautos desta manifestação. Assim sendo, fizemos este recorte de dois congos

com intuito de sermos fieis ao que há de mais representativo das congadas da cidade de Goiânia (GO). Os depoimentos encontrados nesse artigo são de componentes dos ternos de congo, acima mencionados.

A congada, assim como muitas outras expressões culturais e religiosas de matriz africana, traz em si processos educativos que dizem respeito ao próprio exercício das apresentações dos ternos no momento da festa. Esses processos se revelam na música, na dança, no toque dos instrumentos e nos gestos. São elementos impressos e expressos no corpo através da prática e da tradição oral.

Não conseguiram apagar no corpo africano e de origem africana os signos culturais, textuais e toda a complexa constituição simbólica fundadores de sua alteridade, de suas culturas, de sua diversidade étnica, lingüística, de suas civilizações e história (Martins, 1997:25).

O conhecimento se manifesta e se constitui no exercício e na função de cada membro da comunidade, que se apresenta na festa. O saber se traduz no saber fazer, que advém do saber ouvir, do saber ver, através do aprendizado com o outro.

O saber é compartilhado e se materializa no momento da festa, onde se apresenta e se revela, através dos participantes, uma forte carga de africanidade nos mais diversos aspectos, seja na estética, seja nos toques dos instrumentos tendo a predominância da percussão e dentro da percussão certos toques, de um saber musical que não é adquirido na educação formal e sim no convívio cotidiano. Isso se confirma na medida em que vários participantes da festa, os músicos ou tocadores, tocam sanfona, cavaquinho e o próprio tambor ou caixa, como é chamado pelos ternos de Goiânia, sem terem estudado música no sentido formal.⁶

A festa traz consigo a idéia de ritual e, de certa maneira de encenação. A performance de quem pratica o ritual da congada, e que possibilita a festa, é uma forma de atualizar a tradição emprestando-lhe uma nova feição, que diz respeito ao timbre, ao gestual, às expressões e ações, ao figurino e à temática. Tudo isso está além da esfera da ornamentalidade. Eles integram o ritual e o impregnam de possibilidades de flexibilização da prática.

A Congada em Goiânia

A congada em Goiás pode ser encontrada em diversas cidades. Ela é sempre considerada uma festa, e tem na sua estrutura: ternos, congada, reinado e irmandades (Brandão, 1985). As pessoas que conhecem a festa, e as que dela participam, identificam-na como uma festa de preto. Como podemos ver nestas falas:

6.- Apesar de que no caso, os praticantes da congada não terem acesso a uma educação formal, não deixa de chamar atenção a referencia feita por Marcos Napolitano (43:2002) no seu livro, História e música, acerca da contribuição dos negros ao que se refere a música por volta de 1800 "O grosso da atividade musical, sobretudo no plano da interpretação instrumental, era realizada por negros e mestiços, muitos deles ainda escravos. Estes escravos músicos eram altamente qualificados e suas atividades diárias se concentravam no aperfeiçoamento da sua técnica...Criou-se entre os negros e mestiços da corte e das principais vilas e cidades, escravos e libertos, uma tradição musical complexa e plural, que trazia elementos diversos".

Eu acho ela super negra. Ela é bem mais preta, ela é mais de origem do escravo de antigamente. Ela é mais do povo pra trás. (Aparecido Santos/ capitão do Terno 13 de Maio).

Em outros depoimentos temos afirmativas que aproximam a congada dos brancos, inclusive o do general do terno Verde e Preto, que é socialmente branco, considerado branco também no terno: "Uns cinco anos antes de eu entrar, o povo falava assim: Olha, tal dia assim vai começar a festa dos pretos" porque não via outros, só pretos. Em todos os ternos era só pretinho e eles não aceitavam brancos. Quando eu entrei, eles já estavam aceitando (Sr. João Norato/ Terno Verde e Preto).

Há, entretanto, uma parcela dos praticantes que afirmam que essa identificação já faz parte do passado, pois hoje ela é de todos aqueles que se interessam, sejam negros ou não.

Hoje não é mais, no começo era dos negros. Muita gente fala que é, eu acho que é festa do povo (Sr. Ozório/ Terno Verde e Preto).

Essa abertura da festa para todos é também vista como inevitável. Nesse sentido é também vê-la como um espaço de conciliação, e por que não dizer, de comunhão.

Só negro não, de branco também. Porque aqui no Brasil todos somos descendentes de negros. Os negros se misturam com brancos e por aí vai. Não tem disponibilidade de cor. É como diz a música: Não importa a cor, não importa a raça. O que importa é que nós somos irmão (Cleber Cordeiro/ caixeiro do 13 de Maio).

Como podemos ver, a compreensão do espaço da congada em Goiás e particularmente a de Goiânia, possui múltiplos olhares. A reapropriação do rito hoje, tende a se fragmentar, a se diluir, e a se comunicar com outras manifestações próprias do espaço urbano. A partir daí, a própria identificação vai sofrendo transformações.

Também, é possível vislumbrar o que parece ser um tempo perpassando por outro, temporalidades diferentes no mesmo lugar, a cidade de Goiânia. Desse modo, não é difícil ver nos ensaios e no período da novena, jovens vestidos com um visual próprio da "juventude negra", da cultura hip-hop (correntes, camisas largas, bonés); ajoelharem-se ao pé do altar para beijar a bandeira de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário. São culturas negras se entrecruzando, uma pedindo passagem para outra. Assim, não podemos esquecer que é preciso saber lidar com a dinâmica da realidade principalmente na esfera urbana, palco privilegiado da modernidade onde como foi profetizado, "tudo que é sólido se desmancha no ar". A congada há muito tempo lida com adversidades de várias naturezas, como as oriundas dos preconceitos com os quais seus participantes se defrontaram.

A cidade de Goiânia ergueu-se comprometida com a modernidade, uma vez que ela foi planejada e construída para se contrapor a tudo que havia de arcaico no estado. Através dessa premissa, confirma-se a idéia de que o espaço urbano não é lugar de preservação do passado, uma vez que seu espaço está em constante mutação.

As várias interpretações acerca da cidade de Goiânia apontam para seu compromisso com o moderno, com o novo. Possivelmente esse tenha sido um dos motivos que trouxe os fundadores da congada para cidade, ou seja, a promessa de bem-estar, e a forte carga de aproximação que existe entre a idéia de progresso e a de desenvolvimento. Isso nos remete ao sentimento de não pertencimento dos negros, como foi detectado por Brandão (1977) em seu trabalho sobre a cidade de Goiás. Isso pode ter impulsionado muitos negros a se sentirem atraídos pelo clima de pioneirismo e inovação, tão decantados pelo discurso de criação de uma nova capital, um local de muitas oportunidades.

As categorias de tempo e suas combinações são indispensáveis para explicar a sociedade atual. Para definir o seu próprio modo de vida dentro dela, o trabalhador negro emprega

um discurso em que se alteram a permanência em lugares onde provisoriamente “se vive e trabalha” e os entre um e outro desses lugares...Entre os trabalhadores negros nascidos na região ou migrados para ela, as falas de apego e permanência são substituídas pelos opostos: desapego e o deslocamento (Brandão, 1977, p.116).

A congada sempre foi identificada como um ritual urbano, o que a contrapõe a uma prática rural/urbana que é muito comum em Goiás, a folia de reis. Ao chegar numa nova cidade, nada mais natural que estabelecer ali práticas que lhes remetesse às tradições por eles vividas. Através da reedição da congada, pela população negra ali presente, vinda de Catalão⁷, e de outras cidades do interior do estado, ou ainda de Minas Gerais, reafirma-se uma tradição de identidade negra, trazida em suas malas pelos membros da festa.

Existem hoje na cidade de Goiânia oito ternos de congo espalhados pela periferia da cidade⁸, e apesar da pouca visibilidade de tais ternos, eles funcionam como uma rede de solidariedade, onde estabelecem trocas de hospitalidade, almoços e cânticos, a partir dos quais se instauram laços sociais.

Para estudiosos da temática em questão, há na congada fragmentos de uma memória cultural e dos antepassados que viveram no cativeiro, como se essa prática deixasse transparecer reminiscências que grupos banto atribuem à participação e interferência dos habitantes do tempo passado nos acontecimentos presentes.

Pesquisas que tentem resgatar a importância das congadas como espaços de troca e de socialização entre os negros, e que busquem elementos de saberes banto dentro dessas manifestações, serão muito importantes. Trata-se de um assunto complexo que merece estudos e interpretações, uma vez que a congada aparece como um processo de reinterpretação e de reelaboração cultural, muito além do que sua imagem externa possa aparentar.

Assim, é importante lembrar que os negros que fizeram sua “passagem do meio”, sua travessia pelo oceano como diria o Henry Louis Gates, não fizeram sós mas com eles vieram as divindades, seus modos singulares e diversos de visão de mundo, sua alteridade lingüística, artística, étnica, técnica, religiosa, cultural suas diferentes formas de organização social e simbolização do real (Martins, 1997, p.25).

Nessa direção, há muito que se investigar, que se compreender e que se questionar acerca da problemática da congada hoje. Não podemos perder de vista que embora essas práticas não pareçam originais, são gestos, palavras e repertórios, sendo continuamente regnificados em ambiente, no sentido de reterritorialização.

Não importa a quão deformadas, cooptadas e inautênticas sejam as formas como os negros e as tradições e as comunidades negras apareçam ou sejam representadas

7.- A cidade de Catalão, tem hoje a maior festa de congada do estado de Goiás. Um dado efetivo na cidade de Goiânia foi a criação de um frigorífico cujos proprietários eram de Catalão. Daí muitos trabalhadores (possivelmente negros) terem vindo desta cidade para trabalhar ou na perspectiva de arranjar uma ocupação em Goiânia. E daí, conseqüentemente constituído aqui um terno de congo. Esse dado foi revelado em entrevista mas, as mesmas entrevistas revelam que entre os congadeiros entrevistados apenas um havia de fato trabalhado nesse frigorífico. Por coincidência o único branco entrevistado, era também, o único a fazer parte do quadro de funcionários do estabelecimento acima citado.

8.- Dados referentes ao ano de 2008. Os ternos são: Rosa e Branco; Verde e Preto; Verde e Amarelo; Marinheiro, Vinho e Branco, 13 de Maio, e mais dois ternos denominados de Moçambique.

na cultura popular, nós continuamos a ver nessas figuras e repertórios, aos quais a cultura popular recorre, as experiências que estão por trás delas (Hall, 2003:342).

Enfim, pode se afirmar que o que há de autenticidade na congada em Goiânia é aquilo que brota dos conflitos e que advem do seu lugar no contexto global e de seu lugar na história.

Considerações finais

O contato estabelecido com os grupos de congada através da pesquisa foi bastante enriquecedor. Foram momentos carregados de descobertas diante da entrega e da força empreendidas pelos componentes dos ternos, traduzidas na garra de permanecer lutando pelo que acreditam.

Todo o processo de pesquisa ficou focado na perspectiva de apreender através das observações, registros e entrevistas, no sentido de captar a congada como um possível elemento mediador na educação de seus praticantes, produzindo, através dessa relação, uma importante referência identitária cultural e formativa. Concluímos que para se compreender essa função da congada, não se pode perder de vista a importância da herança histórica, que é reposta dinamicamente através da memória.

Essa apropriação do passado no presente produz um movimento histórico que transforma ambos: o passado, quando ele é interpretado e não esquecido; e o presente, quando esse se apresenta como uma realização possível de um antigo projeto que ainda se mostra pertinente a sua busca e concretização, o qual ainda corre perigo de não se realizar caso não haja empenho em vê-lo inscrito como possibilidade ainda hoje.

Não há como não considerar a importância da congada na efetivação de elementos identitários e formativos, pautados num conhecimento que é constituído e vivido no cotidiano. Conhecimentos e práticas que têm uma atuação contínua, que apontam princípios de resistência cultural e estética, impregnados de valores de refúgio que funcionam como uma reserva identitária e de pertencimento.

A través do reconhecimento de que as práticas empreendidas no ritual da congada são práticas educativas, nas quais se apresentam uma série de conhecimentos que também se prestam, num certo sentido, a um vislumbre daquela atuação, pode-se considerá-las como um ato político de resistência e de cunho emancipatório.

Por fim, aprendemos com a pesquisa que a congada é, certamente, um belo campo de investigação, por tudo que já foi descrito. Fica a expectativa de que esta seja apenas uma das muitas investigações que podem, e devem, ser feitas nesse universo tão rico e complexo da congada, que é apenas uma das várias possibilidades com que a população negra tenta se expressar.

Bibliografia

- Alves, N.(2003). *Cultura e cotidiano escolar*. In: revista Brasileira de educação. Número especial, tema: Cultura, culturas e educação. Maio/agosto, nº 23.
- Benjamin, W.(1999). *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. Brasiliense, São Paulo, 4ª ed.
- Berger P. L. & Luckmann, T.(1999). *A construção social da realidade*. Vozes, Petrópolis, 17ª ed.

- Bosi, E.(2003). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. Cia. das Letras, São Paulo, 10ª ed.
- Brandão, C. R.(1977). *Peões, pretos e congos: trabalho e identidade étnica em Goiás*. Goiânia, ed. EUB.
- Brandão, C. R. (1985). *A educação como cultura*. Brasiliense, São Paulo.
- Brandão, C. R.(1985). *A festa do santo preto*. Rio de Janeiro, Funarte/ Instituto nacional do Folclore, Goiânia, UFG.
- Brandão, C. R.(1989). *A cultura da rua*. Campinas, Papirus.
- Brandão, C. R.(2000). *O que é educação*. Brasiliense, São Paulo. 38ª ed.
- Carneiro, S & CURY, C.(1998). O candomblé. In: *Sankofa: Resgate da cultura Afro-brasileira*. Elisa Larkin Nascimento (org.) SEAFRO.
- Cascudo, C. (2000). *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro, Ediouro, 9ª ed.
- Cucho, D.(1999). *A noção de cultura nas ciências sociais*. São Paulo, EDUSC.
- Damascena, A.(2005). O caráter formativo da congada. In: *Negro e educação: identidades, cultura e políticas públicas*. Iolanda oliveira, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e Regina Pahim Pinto (orgs.) São Paulo: Ação Educativa, ANPED.
- Damascena, A.(2000). *Tradição e modernidade em Goiânia*. Goiânia, Dissertação de mestrado em educação, UFG.
- Fleuri, R. M.(2003). Intercultura e educação. In: *Revista Brasileira de Educação*. Número especial, tema: Cultura, culturas e educação. Maio/agosto, nº 23.
- Funes, E. Mocambos do trombetas: memória e etnicidade (séc. XIX e XX) In: Mary del Priori e Flávio Gomes(orgs.)(2003). *Os senhores dos rios*, Rio de Janeiro, Elsevier.
- Ginzburg, C.(1991). *Mitos emblemas e sinais*. Cia. Das Letras, São Paulo.
- Gonçalves, L. A. O. & Silva, P. B.(2000). Movimento negro e educação. In: *Revista Brasileira de Educação*, Anped, nº 15, set/dez.
- Gomes, N. L.(2003). Cultura negra e educação. In: *Revista Brasileira de Educação*. Anped, Número especial, tema: Cultura, culturas e educação. Maio/agosto, nº 23.
- Gramsci, A.(1987). *Concepção dialética da História*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Hall, S. (2003). *Da diáspora*. Belo Horizonte, editora UFMG, Brasília: representação da UNESCO no Brasil.
- Heller, A. (1992). *O cotidiano e a História*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 4ª edição.
- King, J. & Colledge, M. E.(2002). Usando o pensamento africano e o conhecimento nativo da comunidade. In: GOMES, L. N, SILVA, P. G. *Experiências etno-culturais para a formação de professores*. Belo Horizonte, Autêntica.
- Lê Goff, J.(1990). *A História nova*. Martins Fontes, São Paulo.
- Lê Goff, J. (2003). *História e memória*. Campinas, UNICAMP,5ª ed.
- Lopes, E. M. T. Faria Filho, L. M. e VEIGA, C. G. (orgs.)(2000). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte, Autêntica.
- Quintão, A. A.(2002). *Irmãdades negras: Outro espaço de luta e resistência* (São Paulo: 1870-1890). Anna Blume, São Paulo: fapesp.
- Martins, L. M.(1997). *Afrografias da memória: O reinado do rosário do Jatobá*. São Paulo, Perspectiva; Belo Horizonte; Mazza Edições.
- Risério, A.(1996). *Oriki Orixá*. Rio de Janeiro, Perspectiva.
- Silva, A. da C.(2003) *Um rio chamado atlântico: A África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: UERJ.

- Silva, P.B.G.(2003) Aprender a conduzir a própria vida: dimensões do educar-se entre afro-descendentes e africanos. In: *De preto a afro-descendente*, Lúcia M. A. Barbosa; Petronilha B.G. Silva, Valter Roberto Silvério.(orgs.) São Carlos, eduFSCar.
- Sodré, M. (1988). *A verdade seduzida*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 2ª ed.
- Sodré, M.(2002). *O terreiro e a cidade*. Imago, Rio de Janeiro, Fundação Cultural do Estado da Bahia, Salvador.
- Veiga-neto,A.(2003). Cultura, culturas e educação. In: *Revista Brasileira de Educação*. Número especial, tema: Cultura, culturas e educação. Maio/agosto, nº 23.
- Verger-bastide.(2002). *Dimensões de uma amizade*. Lühning, A.(org.) Bertrand Brasil, Rio de Janeiro.